

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO – FACE
CURSO DE PEDAGOGIA – FORMAÇÃO DE PROFESSORES
PARA SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL –
PROJETO PROFESSOR NOTA 10

ELIANE FERREIRA DA SILVA
ELIENE BONFIM DA SILVA CARVALHO
FRANCISCA MARIA DA SILVA GOMES
GLEICE ALVES DE SIQUEIRA LEITE

**A FALTA DE AFETO – UM DOS FATORES
GERADORES DA INDISCIPLINA NOS
ALUNOS DA PRIMEIRA SÉRIE DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

BRASÍLIA, 2005

ELIANE FERREIRA DA SILVA
ELIENE BONFIM DA SILVA CARVALHO
FRANCISCA MARIA DA SILVA GOMES
GLEICE ALVES DE SIQUEIRA LEITE

A FALTA DE AFETO – UM DOS FATORES GERADORES DA INDISCIPLINA NOS ALUNOS DA PRIMEIRA SÉRIE DO ENSINO FUNDAMENTAL

Trabalho apresentado ao Centro universitário de Brasília – UniCEUB como parte das exigências para conclusão do Curso de Pedagogia – Formação de Professores para as Séries Iniciais do Ensino Fundamental – Projeto Professor Nota 10.

Orientadora: Professora Célia Maria Rey de Carvalho.

BRASÍLIA, 2005

As nossos queridos pais que nos ensinaram o valor da vida, do trabalho, e da dedicação, a acreditar sempre em Deus e em praticar o bem. Eles que com a humildade e a simplicidade de suas formações, souberam passar a essência do amor, do diálogo e do respeito a todos os seus filhos.

Aos nossos esposos e filhos, pelo incentivo e cooperação nesta caminhada.

Agradecemos primeiramente a Deus pela vida e pela graça de podermos concluir este curso.

Aos nossos esposos, que tanto nos ajudou, dando ânimo necessário para prosseguir...

Não poderia deixar de agradecer aos nossos filhos pela compreensão diante da necessidade de privá-los de nossa companhia. Sobretudo por assumirem tarefas antes a nós competidas.

Aos professores, pela dedicação e carinho com que nos instruíram, agradecemos.

Aos colegas de curso que nos ajudaram nas dificuldades da aprendizagem.

A todos os familiares e amigos que juntos compartilharam dos momentos de tristezas e alegrias, nos estimulando a superar a inquietação na busca do conhecimento.

RESUMO

A disciplina e o limite são elementos essenciais no cotidiano escolar; da falta deles ocorre a indisciplina, que apresenta sua origem na maioria das vezes no ambiente familiar, pela falta de afeto, de uma educação responsável, pela falta de diálogo, respeito etc. Pretendemos com este trabalho comprovar através da pesquisa teórica e da nossa prática pedagógica, que a indisciplina dos alunos da 1ª série do ensino fundamental está relacionada à falta de afeto familiar. O aluno que tem um bom relacionamento com seus pais e na família tende a desenvolver melhor a aprendizagem. Cabe à escola gerar atividades que busquem a participação da família, despertando nos pais a importância de seu envolvimento no trabalho de escolarização de seus filhos. As mudanças de atitudes diante das crianças, com demonstrações de carinho, atenção e diálogo, traz transformações no seu comportamento e na sua aprendizagem. Ao trabalhar valorizando e reconhecendo a história de vida de cada aluno, há um despertar para o processo de ensino/aprendizagem. Apresentamos também, sugestões que poderão amenizar o problema da indisciplina dos alunos em sala de aula, buscando a participação da família e inovando a prática pedagógica, contando com a disponibilidade, dedicação e compromisso de todos os envolvidos na vida escolar do aluno.

Palavras chaves: afetividade, disciplina e dedicação.

SUMÁRIO

Introdução	06
Capítulo I A Indisciplina	
1.1 Definição	09
1.2 A influência da família no comportamento indisciplinar dos alunos	10
Capítulo II A Afetividade	
2.1 A importância da afetividade no processo ensino/aprendizagem do aluno	14
2.2 História de vida	16
2.3 Relação familiar	19
Capítulo III A Escola	
3.1 O cotidiano escolar	24
3.2 O aluno na escola	27
3.3 Acompanhamento familiar na vida escolar do filho	31
Capítulo IV Sugestões Pedagógicas	
4.1 Sugestões pedagógicas – contendo orientações para possíveis soluções do problema	34
Considerações Finais	39
Referências Bibliográficas	43

INTRODUÇÃO

Durante o Curso de Pedagogia Professor Nota 10, após conversarmos com vários colegas de turma que trabalham na Rede Pública de Ensino do Distrito Federal – DF, verificamos que um dos problemas da indisciplina em sala de aula, está relacionado à ausência de afeto familiar. Constatamos que se fossem trabalhadas as causas que geram a indisciplina, desde a primeira série, teríamos a oportunidade de melhorar o relacionamento familiar e escolar.

Aprofundamos a observação dos problemas geradores da indisciplina em sala de aula, abordando a falta de afetividade, como uma das causas que transtornam a vida das crianças.

O tema foi escolhido com a finalidade de buscar explicações teóricas, para melhor compreender a falta de afetividade por parte da família, e suas conseqüências que geram atitudes de indisciplina nos alunos da primeira série do ensino fundamental.

Educar não é apenas a transmissão de conhecimento, mas envolve o afeto (Chalita, 2001). Tudo que é ensinado e transmitido com carinho e amor, os resultados são extraordinários. Cada indivíduo tem uma história de vida que se inicia com a convivência familiar, a qual deve ser valorizada e respeitada em qualquer lugar onde ele estiver. Quando no convívio há amor e demonstrações de afeto, diálogo, o compromisso, o respeito e a vontade de estudar e trabalhar são evidenciados.

Foi observado e constatado que diversos casos ocorridos em sala de aula, na nossa prática pedagógica, que muitos conflitos disciplinares são gerados pela falta de afetividade oriunda da família. Outro ponto observado, foi em relação às mudanças no comportamento do aluno em sala, indicando que algo havia acontecido em sua família.

Nas escolas em que atuamos e as quais vamos descrever, foi evidenciado algumas causas da falta de afetividade dos alunos. As famílias atendidas no Centro de Ensino Fundamental Condomínio Estância III em Planaltina – DF, estão localizadas em uma comunidade sem infra-estrutura, em

que a maioria dos alunos faz parte do programa Renda Minha do Governo do Distrito Federal – GDF. Esses alunos são oriundos de um ambiente familiar em que a maioria dos pais não dão atenção, afeto, limites, utilizando-se de maus tratos físicos e de explosões violentas, devido geralmente, aos vícios, causando a desestrutura familiar.

Na escola Classe 07 de Brazlândia – DF, os alunos provém de famílias de baixa renda, algumas atendidas pelos programas governamentais de assistência social. Crianças que vivem com avós, mães ou pais solteiros, em que passam a maior parte do dia na rua, devido a ausência da família para orientá-las.

As escolas de Santa Maria – DF, escola Classe 100 e CAIC Albert Sabin, enfrentam uma mesma realidade de famílias carentes, filhos problemáticos devido à desestruturação familiar, sofrendo reflexos da comunidade que apresenta alto índice de violência.

Devido a esse quadro em que se encontra a maioria das famílias das quais provém os alunos da 1ª série destas escolas públicas do GDF, compreendemos que, a falta de afetividade por parte da família, intervém no processo ensino/aprendizagem do aluno e melhorando a participação familiar na vida escolar dos filhos, podemos despertar nos pais a importância da relação família/escola.

Destacamos, para este trabalho os seguintes objetivos que foram alcançados:

- Identificar que a indisciplina dos alunos da primeira série do ensino fundamental, está relacionada com a falta de afetividade por parte da família.
- Reconhecer o aluno como um ser único com uma história de vida pessoal a ser respeitada.
- Indicar as possíveis soluções para o problema da indisciplina em sala de aula.

Para a realização deste trabalho utilizamos a pesquisa teórica, mesclada com a nossa prática pedagógica em sala de aula, com intuito de obtermos melhores resultados no desenvolvimento do mesmo. A pesquisa teórica, nos

propiciou fundamentação em algumas teorias relacionadas ao nosso tema. Para isso, fomos em bibliotecas, principalmente na do UniCEUB, consultando vários livros e periódicos, dos quais selecionamos algumas referências bibliográficas.

Após selecionadas as referências bibliográficas, partilhamos entre os componentes do grupo, os livros que foram lidos. Reunimos e debatemos sobre teoria e prática do tema em pauta, e cada um expôs suas observações e anotações.

Finalizamos nossa pesquisa indicando possíveis soluções para o problema da indisciplina nos alunos da primeira série do ensino fundamental.

CAPÍTULO I A INDISCIPLINA

1.1. DEFINIÇÃO DE INDISCIPLINA

Para falarmos em indisciplina vamos entender primeiro o que é disciplina. Segundo o Dicionário Aurélio (2001);

”Disciplina é regime de ordem imposta ou mesmo consentida. Ordem que convém ao bom funcionamento de uma organização. Relações de subordinação do aluno ao mestre. Submissão a um regulamento.”

Para Tiba (1996);

“A disciplina escolar é um conjunto de regras que devem ser obedecidas para o êxito do aprendizado escolar. Portanto, ela é uma qualidade de relacionamento humano entre o corpo docente e os alunos em uma sala de aula e conseqüentemente, na escola”

Ao compreendermos o que é disciplina fica fácil percebermos o que é indisciplina, pois quando falamos em indisciplina, voltamos para aquele aluno que não se comporta adequadamente ao ambiente escolar. Um aluno rebelde, desobediente e que promove a desordem. Para Lopes “o aluno indisciplinado não é mais aquele que conversa ou se movimentava na sala. É o que não tem limites, não respeita os sentimentos alheios, tem dificuldade em se autogovernar”. (apud, Revista Nova Escola, 2005).

Se a criança não consegue se sentar por longo tempo, conversa muito, brinca ao invés de fazer a tarefa na faixa etária em que se encontram os alunos de 1º série do ensino fundamental, é normal, pois a criança que simplesmente não fica quieta, não para de conversar, discute, não é indisciplinada. Segundo Antunes (2002), “conversar é afinal de contas, gostoso, necessário, útil, essencial, diagnóstico de muitas inteligências”.

É claro que muita conversa atrapalha o desempenho na aula e a aprendizagem do educando, mas é quase impossível ficar ao lado de outros alunos sem conversar. Porém, essa conversa deve contribuir no processo de construção do conhecimento do aluno.

Para Antunes (2002), uma classe indisciplinada é toda aquela que:

“Não permita aos professores oportunidades plenas para o desenvolvimento de seu processo de ajuda na construção do

conhecimento do aluno; não ofereça condições para que os professores possam "acordar" em seus alunos sua potencialidade como elemento de auto-realização, preparação para o trabalho e exercício consciente da cidadania; não permita um trabalho de estímulo às habilidades operatórias, ao desenvolvimento de uma aprendizagem significativa e vivências geradoras da formação de atitudes socialmente aceita em seus alunos".

Fante (2005), afirma que a "indisciplina é um comportamento que conduz um aluno ou um grupo intimidar, humilhar, chamar a atenção do(s) colega(s)".

Lopes (2005) declara que a "indisciplina é o comportamento apresentado pelo aluno quando esta enfrentando alguma dificuldade dentro ou fora da escola".

Segundo Casamayor (2003), "entende-se por indisciplina as atitudes ou comportamentos que vão contra as regras estabelecidas, as normas do jogo, o código de conduta adotado pela escola para cumprir sua principal missão". (apud, Aquino,2003).

Diante destas definições entendemos por indisciplina, também, os comportamentos dos alunos que simplesmente tentam impor a sua própria vontade sobre a do restante da turma.

Mediante essas definições percebemos que a indisciplina provém da imposição de regras e da submissão a elas e que com amor, diálogo, confiança e afeto conquista-se uma disciplina que servirá para todos os momentos e lugares.

1.2. INFLUÊNCIA FAMILIAR NO COMPORTAMENTO INDISCIPLINAR DOS ALUNOS

A família sempre foi a célula da sociedade, uma instituição social de grande prestígio. Nela o homem vivência as suas primeiras relações sociais.

No entanto, inicialmente apenas o homem tinha voz e vez, por ser considerado o chefe da família. Com as transformações sociais, as mulheres foram conquistando seu espaço, deixando de ser apenas a genitora.

Somente após as mudanças ocorridas no século XX é que as crianças passam a ser respeitadas legalmente (1), como membro integrante da família,

1) Após a edição do Estatuto da Criança e do Adolescente (1990).

que estão em constantes transformações, e assim como os outros são passíveis de desejos e opiniões. A família passa então a ter mais responsabilidade legal, em relação a formação das crianças.

Os pais são responsáveis pela educação dos filhos, são eles os primeiros que impõem limites e autoridade. Zagury (2005), nos alerta para as conseqüências sociais da liberdade excessiva e da falta de autoritarismo dos pais. “Algumas pessoas acham que dar limites aos filhos é questão de opção, mas essas pessoas não sabem que há uma progressão de problemas que deriva da falta de limites”.

A falta de limites e de autoridade dos pais contribui para que a indisciplina seja uma constante, não só em nossas escolas, mas na sociedade como um todo.

Muitas vezes a família pensa que dar limites é apenas dizer “não” aos filhos. Zagury (2005) diz que vai, além disso:

“Dar limites é: ensinar que os direitos são iguais para todos, ensinar que existem outras pessoas no mundo, fazer a criança compreender que seus direitos acabam onde começa os direitos dos outros, ensinar a tolerar pequenas frustrações no presente para que, no futuro, os problemas da vida possam ser superados com equilíbrio e maturidade, ensinar que cada direito corresponde a um dever e principalmente dar o exemplo (quem quer ter filhos que respeitem a lei e os homens tem de viver seu dia-a-dia dentro desses mesmos princípios)!!!”.

Hoje em dia os pais dão muitos presentes aos filhos para encobrir sua ausência. Como nos diz Cury (2003), “muitos pais trabalham para dar o mundo aos filhos , mas se esquecem de abrir o livro da sua vida para eles”. Os pais não dão tempo aos seus filhos, para conversar sobre a vida, seus problemas e seus anseios, orientando-os sobre fatos da realidade.

Existem famílias em que pai e mãe são forçados a trabalharem, deixando seus filhos em casa sozinhos ou sob cuidados de alguém, sujeitos a vários tipos de orientações e influências. E assim as crianças crescem sem limites, impulsivas, tímidas, retraídas e isoladas, vivendo em seu próprio mundo, não deixando os outros se aproximarem. E com o tempo cria-se um abismo entre pais e filhos. Pouco afeto e muitos atritos e críticas. Cury (2003) fala que “quando

uma simples torneira está vazando, os pais se preocupam em repará-la. Mas será que eles gastam tempo dialogando com seus filhos, para ajuda-los a reparar a alegria, a segurança ou a sensibilidade que está se dissipando?”

E esse distanciamento familiar gera a indisciplina, apresentando crianças com dificuldades de relacionamento, socialização e aprendizagem.

Certa vez, em uma reunião com os pais de alunos, o professor expôs aos pais os problemas enfrentados com o aluno em sala de aula. Eles apenas declararam que não sabiam o que fazer, pois o filho era rebelde e desobediente e que os castigos não funcionavam mais.

Cury (2003), fala que “os comportamentos inadequados muitas vezes são clamores que imploram a presença, o carinho e a atenção dos pais”.

Os professores não são psicólogos, mas muitas vezes pela experiência adquirida em sala de aula, percebem em seus alunos os gritos de socorro através da indisciplina. E conquistando a amizade da criança, com carinho e diálogo se chega ao problema que gerou a indisciplina e desta mesma forma vai se observando a melhora no comportamento e na aprendizagem do aluno.

Fante (2005), afirma que:

“a indisciplina deve-se à carência afetiva, à ausência de limites e ao modo de afirmação do poder dos pais sobre os filhos, sendo essencial que os pais acompanhem o dia-a-dia o andamento escolar do filho, procurando incentivá-lo com entusiasmo”.

Assim, o acompanhamento da família na vida escolar do filho, auxilia no bom desenvolvimento do ensino/aprendizagem e quando esse acompanhamento é insuficiente ou totalmente ausente, ocorre reflexos nas ações do filho, pois ele como aluno procura suprir de maneira a chamar a atenção do que lhe é negado em seu meio familiar, mudando seu comportamento perante o grupo que está inserido.

Ninguém nasce rebelde ou disciplinado, o comportamento vai sendo construído. Vygostky “defendia a interação entre as mutáveis condições sociais e a base biológica do comportamento humano”(apud, Oliveira, 2003).

Durante todo o tempo em que trabalhamos como educadoras percebemos que a criança que tem uma família desestruturada, que não tem

afeto, carinho, amor, tem mais tendência a torna-se uma criança indisciplinada. Isso não quer dizer que todas essas crianças que enfrentam esses problemas são indisciplinadas, nem tão pouco que só essas são indisciplinadas.

Cury (2003), “declara que não há coisa mais linda, mais poética, do que pais serem grandes amigos dos seus filhos”.

CAPÍTULO II A AFETIVIDADE

2.1. A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NO PROCESSO ENSINO/APRENDIZAGEM DO ALUNO.

A criança logo que nasce necessita de amparo dos pais e carinho essencial para o seu desenvolvimento saudável. Chalita (2001) fala da importância do afeto no preparo, na vinda e na criação da criança e principalmente, na compreensão dos problemas que afligem os pequenos logo na primeira infância. Afirma, ainda, que a criança precisa de atenção, carinho para que assuma suas responsabilidades, e que a presença do adulto na vida dela é de muita importância, principalmente, na troca de afeto.

As crianças, no início do ano letivo, chegam à escola com a expectativa de saber quem será o professor e os seus colegas de turma. O mesmo acontece com nós professores, mas pensando como será o comportamento dos nossos futuros alunos. Logo nos primeiros contatos com eles percebemos os retraídos e os comunicativos.

Chalita (2001), fala que “o processo educativo é comunitário... Ninguém é uma ilha de excelência que prescindia de troca de experiências”. A importância do professor em ouvir o que os alunos têm a dizer, trocando idéias e fatos faz com que quebrem as barreiras trabalhando suas limitações e as dos alunos.

Segundo Fante (2005), “a carência afetiva atrapalha e intervém no comportamento e aprendizagem do aluno”. Em nossa prática pedagógica com alunos da primeira série do ensino fundamental, percebemos que as crianças são dependentes de atenção. Enquanto não conversamos com elas, dando-lhes atenção e carinho especial, não há o despertar para o processo ensino/aprendizagem.

Após um mês de início do ano letivo, ao observar um aluno que se sentava no fundo da sala de aula, quieto, calado e que fazia as atividades sossegado, sem conversar com ninguém, a professora resolveu fazer um teste da psicogênese, em que foi verificado que o aluno não sabia escrever seu prenome. As atividades que ele apresentava, eram cópias das atividades do colega que se sentava ao seu lado. Ao questioná-lo porque fazia aquilo, ele começou a chorar e

insistindo muito, ele falou que tinha medo que a professora lhe batesse. Ao colocá-lo sentado na frente e dado mais atenção e carinho a ele, seu processo de ensino/aprendizagem foi progredindo e sua socialização com os alunos foi melhorando.

Para Chalita (2001), “o aluno, mesmo que seja sujeito ativo do processo de aprendizagem, precisa de orientação, precisa de líderes que possam conduzi-lo a caminhos razoáveis de desenvolvimento pessoal”. Também deixa claro que o professor é o agente principal da intervenção do processo de ensino/aprendizagem. É ele que deve se interessar por tudo que diz respeito ao aluno. Conhecê-lo e amá-lo, conquistando sua confiança para expressarem seus sentimentos.

Aquino (1996), lembra “que, guardadas as especificidades das atribuições de agente e clientela, ambos são parceiros de um mesmo jogo. E o nosso rival é a ignorância, a pouca perplexidade e o conformismo diante do mundo”.

O professor deve ser sensível e flexível o suficiente para direcionar sua aula, de maneira que ela se torne mais significativa e o aluno deixe de ser um mero ouvinte e passe a ser mais atuante na aprendizagem. Cury (2003), fala que “os professores devem transformar a informação em conhecimento e o conhecimento em experiência”.

Somos nós professores que trabalhamos diretamente com os alunos, transmitindo conhecimentos e valores que serão necessários na construção de sua personalidade. Precisamos ser dinâmicos, e termos um espírito investigativo, para podermos despertar em nossos alunos o gosto pela descoberta, pela aquisição de novos conhecimentos. Cury (2003), expressa a importância de educar a emoção com a inteligência, estimulando o aluno a pensar antes de reagir, a não ter medo de se expressar, de ser autor de sua história, a saber controlar os estímulos negativos e a trabalhar com fatos reais, lógicos e concretos, abordando as contradições da vida.

Por isso a formação continuada do professor é muito importante para atualizá-lo e aperfeiçoá-lo, pois ele precisa adquirir conhecimento de todas as

matérias, dos temas transversais que passam junto à todas elas e, acima de tudo, conhecer o aluno. Como deixa claro Cury (2003), “para ser um professor fascinante é preciso conhecer a alma humana para descobrir ferramentas pedagógicas capazes de transformar a sala de casa e a sala de aula num oásis, e não numa fonte de estresse”.

A partir de nossa experiência pedagógica foi possível observar que os alunos que recebem mais atenção e estímulo, são os que apresentam maior facilidade no processo ensino/aprendizagem.

Cury (2003) fala que “por trás de cada aluno arredio, de cada jovem agressivo, há uma criança que precisa de afeto.

2.2. HISTÓRIA DE VIDA

O afeto familiar na vida da criança foi uma conquista ocorrida na evolução dos tempos dentro da família, assim relata Ariès (1981), no seu estudo sobre a família e o trato com as crianças. Na época medieval a falta de afeição da família em relação às crianças era manifestada pelas atitudes dos adultos. As crianças até 7 a 9 anos ficavam com as mulheres, a partir desta idade eram entregues a outras pessoas para fazerem serviços pesados. Não havia distinção de classe social e nestas outras casas as crianças ficavam até 14 e 18 anos como aprendizes. Elas não tinham infância, viviam a vida adulta. Não havia lugar para a escola, que se destinava apenas a uma categoria muito particular, como um caso isolado. Em toda parte onde se trabalhava, jogava ou brincava, mesmo nas tavernas mal-afamadas, as crianças se misturavam aos adultos e assim elas aprendiam a viver, através do contato de cada dia.

Nesta época a família não podia alimentar um sentimento existencial profundo entre pais e filhos, pois nestas condições a criança mesmo que voltasse à sua própria família já não existia o apego. A família era realidade social e moral e menos sentimental. As famílias valorizavam o relacionamento social, a afetividade entre adultos, “amigos” na sociedade. Não existia o apego às crianças e sim aos adultos.

Quando a escola tomou a incumbência de educar as crianças, então houve uma mudança nas famílias. Ariès (1981) diz que a partir desta época a educação passou a ser oferecida cada vez mais pela escola, sendo instrumento normal da iniciação social, da passagem do estado da infância ao adulto. Com isso houve uma transformação considerável da família, que concentrou sua atenção na criança, e sua vida confundiu-se com as relações cada vez mais sentimentais dos pais e dos filhos. “Os progressos do sentimento da família seguem os progressos da vida privada, da intimidade doméstica.”(Ariès, 1981).

Para a escola foi passada grande responsabilidade: dar normas de comportamento às crianças e também instruir a própria família, sobre seus deveres e responsabilidades, e de aconselhá-las em sua conduta com relação às crianças. Então, nesta época a educação e a saúde se tornaram as duas principais preocupações dos pais, outra forma de unir as atitudes diante da vida às atitudes diante da morte.

A criança foi conquistando um lugar junto a seus pais, tornando-se indispensável na vida quotidiana, e os adultos passaram a se preocupar com sua educação, carreira e futuro. Mas a sociabilidade se opunha à formação do sentimento familiar.

E com o tempo as famílias foram evoluindo e distanciando-se mais das relações sociais e se apegando à relação familiar. Ariès (1981) fala que “a família moderna separou-se do mundo e opõe à sociedade o grupo solitário dos pais e filhos “. Então tudo girou entorno da criança, a promoção de cada uma em particular, e sem nenhuma ambição coletiva. Essa evolução da família modificou-se pouco até ao nossos dias, mas se estendeu a outras camadas sociais existentes.

O que Ariès (1981) relata mostra as dificuldades que a família, e principalmente as crianças tiveram que passar para terem um lugar especial dentro do lar. E esses fatos foram e são importantes para aumentar cada vez mais o valor da pessoa humana, da família e da criança. Continuando, esclarece que “ ao aproveitar as experiências e descobertas das gerações

anteriores, cresceremos no conhecimento e nas técnicas humanas.” É por isso que, compreendendo como era a relação familiar antigamente é que entenderemos quais suas contribuições no mundo de hoje.

Oliveira (2003) declara que “os costumes, as leis, a religião, a linguagem e as instituições sociais têm-se desenvolvido e perpetrado, como um resultado da capacidade do homem para aprender.”

Hoje, a relação afetiva familiar é essencial na vida da criança, sobre isso Zagury (2004) diz que desde o momento em que a criança começa a se relacionar, primeiramente com os pais, depois com outros membros da família, entre outras coisas precisa muito sentir-se desejada, amada e necessária; receber cuidados, proteção e segurança; ser apreciada, aceita e fazer parte do grupo. Acrescenta ainda que, depois ao ampliar suas relações, aumenta também a sua necessidade de conversar sobre o que pensa e sente, de se comunicar mais com os pais, de ser ouvida, de compreender normas e valores, de ser aprovada pelos pais e outras pessoas com as quais convive, necessitando de muito carinho, pois é muito afetiva nesta idade (7anos), tem iniciativa, imaginação e muita vontade de conhecer o mundo que a cerca.

É importante ressaltar as diferenças de cada indivíduo, diferenças sociais e culturais, que devem ser respeitadas e valorizadas. O Estatuto da Criança e do Adolescente esclarece que toda criança tem direito à liberdade, ao respeito e à dignidade. Não é por ser criança que não tenha direitos e deveres. É a família a primeira instituição responsável em desenvolver o sentimento de responsabilidade, de liberdade, de respeito e de dignidade na criança. Ela pode até não entender do que se tratam estas palavras mas, já experimentam na prática. Chalita (2001) diz que é responsabilidade da família preparar a criança para a vida, para a formação da pessoa, para a construção de um ser sadio. O Estatuto esclarece, ainda, o valor e o respeito à religião, à crença, aos costumes, à opinião e expressão. Cabe a cada um e principalmente aos pais e mestres a função de orientar e ajudar no processo de interação social e cultural de seus filhos e alunos. Diante disso Chalita (2001) fala que quando o aluno é tratado com

respeito, é valorizada e respeitada sua história de vida, sente-se amado, querido na escola em que estuda.

2.3 . RELAÇÃO FAMILIAR

A família é a primeira a dar instruções educacionais a criança, sendo os pais responsáveis por uma socialização satisfatória. Para Fante (2005) é oportuno que os pais façam uma reflexão profunda sobre suas próprias condutas em relação aos filhos, sobre o modelo de educação familiar, pois esta educação refletirá no comportamento dos filhos em sua vida escolar.

Havia na escola um aluno que já à freqüentava desde o período pré-escolar, cujo histórico de vida apontava sinais de rejeição por parte dos pais, tanto que era criado pela avó paterna. Esta, por sua vez, procurando suprir a ausência e carinho dos pais sempre atendeu aos desejos do neto, dando-lhe a falsa impressão que na vida tudo seria assim. A partir da primeira série o aluno passou a agir de maneira indisciplinada demonstrando falta de limites, gerando constantes conflitos em sala de aula com colegas e professora. Por não se adequar às normas de comportamento da escola, sua reprovação foi inevitável. Neste ano ao recebê-lo na turma e por saber de sua história, a professora resolveu desenvolver um trabalho que pudesse levar o aluno a uma reflexão de seus atos e a necessidade de mudança em seu comportamento e por fim resgatar sua auto-estima. Através do diálogo, da atenção, do carinho, de um trabalho junto à família e da motivação das atividades por ele desenvolvidas, foi percebendo uma mudança de comportamento e de atitudes, que pouco a pouco foi transformando a criança numa nova pessoa.

Martinez (2003) fala que se na família tem limites, afeto, diálogo e atenção o aluno pode ser agitado, porém ciente de suas obrigações e limites.

Fante (2005) diz que para uma relação familiar satisfatória, deve ser valorizada o fator afetivo nas relações interpessoais e na transmissão do conhecimento, uma vez que favorece de forma privilegiada o registro daquilo que foi vivido, facilitando posteriormente o seu resgate para novas construções de cadeias de pensamentos.

Existem vários tipos de relações familiares, mas, mediante a nossa experiência pedagógica, relacionamos alguns fatores constatados nas relações familiares, como influências na indisciplina dos alunos:

– Deficiente educação dada pela família – a família esquece os valores e não educam seus filhos como deveria, deixando a criança agir por seus próprios meios, e esta às vezes inconsciente dos seus atos age como se estivesse certa, perdendo o respeito por si mesma e pelos outros. A escola não trata o aluno, ela ensina. Quem se encarrega do tratamento é a própria família, é ela que tem a obrigação de educá-lo. Sobre isso Chalita (2001) fala que “a família tem a responsabilidade de formar o caráter, de educar para os desafios da vida, de perpetuar valores éticos e morais.”

– Maus exemplos em casa – uma família desestruturada em que os pais são separados ou não, mas onde há brigas, discórdias, desordem, a violência é um ponto marcante na vida dos filhos, e estes refletem fora o que vivem em casa. Cury (2003) diz que “nossos filhos poderão reproduzir nossas reações no futuro.” Acrescenta ainda que “o registro silencioso não trabalhado cria moldes no secreto da nossa personalidade.”

– Falta de apoio dos pais – quando não há diálogo na família e interesse dos pais na vida escolar do filho, o aluno perde a vontade de estudar, falta muito às aulas, não se comporta de maneira adequada, chegando a atrapalhar a si e aos outros, não havendo aprendizagem. A convivência familiar é imprescindível, pois a vida da criança deve estar baseada na família. Sem o apoio dos pais a criança não tem limites e pouco se importa com o futuro que poderá ter. Chalita (2001) aponta a importância do acompanhamento dos pais em todo o desenvolvimento escolar dos filhos. E Cury (2003) fala que se destruímos o diálogo familiar, a relação “pais e filhos” irá a falência.

– Maus tratos recebidos – se a criança é agredida pelos pais, ela poderá ter tendência a se tornar mais agressiva. Esse comportamento vai influenciar na sua aprendizagem e nas suas relações sociais. Cury (2003) declara que jamais devem-se punir fisicamente a criança, se algumas palmadas acontecerem devem ser simbólicas e acompanhadas de uma explicação. Pois não será a dor que irá

estimular a inteligência da criança ou do jovem, mas é ajudando-os a repensar suas atitudes, olhando dentro de si mesmos e aprendendo a se colocar no lugar dos outros, assim desenvolveremos na personalidade deles a liderança, a tolerância, a ponderação, a segurança nos momentos turbulentos.

A criança quando não recebe em seu âmbito familiar afeto, atenção e diálogo, tende a se superar na escola em sua maioria com comportamentos indisciplinados. Cury (2003) relata que os pais devem cativar seus filhos pela inteligência e afetividade, não pela autoridade, dinheiro ou poder. Assim, certamente iremos ter em nossas salas de aulas alunos disciplinados, respeitosos e interessados em aprender.

Freire (1996) aborda a questão da identidade cultural, de que fazem parte a dimensão individual e familiar dos educandos, para conhecer o indivíduo é necessário saber sua história de vida no âmbito familiar.

Segundo Durkheim (1979) a educação vinda de geração em geração é que faz a relação familiar ser mais consistente, madura, implicando em seu caráter histórico-social, (apud, Sousa, 2002).

O aluno pode demonstrar-se inseguro pelo tipo de relacionamento familiar em que está inserido e que, na escola, essa insegurança adquira outro sentido ao se integrar a uma necessidade de reconhecimento que ele não consegue expressar em sua família.

No ano passado em uma turma de primeira série, havia um aluno que tinha muita facilidade na aprendizagem, mas conversava excessivamente e agredia os colegas, atrapalhava a aula e não fazia as atividades escolares. Após conversar com sua mãe, descobrimos que o aluno tinha um pai que era alcoólatra, que ao beber ficava violento, maltratando a mãe e os filhos. Então foi solicitada a presença do pai na escola que após longa conversa com a psicopedagoga e um encaminhamento para tratamento com um psicólogo, concedido pelo Conselho Tutelar, ocorreram várias sessões de reconciliação familiar com pais e filhos. Através desse tratamento familiar foi possível observar as melhoras ocorridas com o aluno em sala de aula, o pai dele se encontra hoje participando dos Alcoólicos Anônimos, procurando se reabilitar. Chalita (2001)

mostra-nos que “a construção de uma nova sociedade passa pela construção de uma nova família”.

Freire (1996) cita que para qualquer introsamento ou um bom convívio deve-se respeitar as opiniões e saber dialogar, porque é respeitando cada indivíduo em seu momento de expressão é que repassa para ele algumas atitudes e valores que servirão para sua vida.

Antigamente, a criança em seu meio familiar era tratada como um adulto, não era respeitada a sua infância e seus anseios,(Ariès,1981). Hoje a maioria das famílias, apesar de muitas serem desestruturadas, prima pelo pensamento das crianças, deixando que elas se expressem opinando muitas vezes sobre assuntos referentes a família e ao mundo.

Para Ausubel (1978) a criança tem que fazer parte de todos os momentos familiares para que ela crie uma estrutura sólida perante as dificuldades, sabendo agir de acordo com sua experiência familiar. (apud, Martinez,2003).

Nos diálogos que temos com os pais dos alunos, percebemos que eles agem de maneira equivocada, diante da necessidade de proporcionar a felicidade aos filhos, substituindo, muitas vezes inconscientemente, o diálogo e atenção por bens materiais e uma liberdade sem limites. No entanto, Tiba (2002) mostra, de forma poética, como os pais podem proporcionar aos filhos a tão almejada felicidade:

“Felicidade

Os pais podem dar alegria e satisfação para o filho,
mas não há como lhe dar felicidade.

Os pais podem aliviar sofrimentos enchendo-o de presentes,
mas não há como lhe comprar felicidade.

Os pais podem ser muito bem-sucedidos e felizes,
mas não há como lhe emprestar felicidade.

Mas os pais podem aos filhos dar muito amor, carinho, respeito,
ensinar tolerância, solidariedade e cidadania, exigir reciprocidade,
disciplina e religiosidade, reforçar a ética e a preservação da Terra.

Pois é de tudo isso que se compõe a auto-estima.
É sobre a auto-estima que repousa a alma, e é nesta paz que reside
a felicidade.”

CAPÍTULO III A ESCOLA

3.1. O COTIDIANO ESCOLAR

“Na escola existe um mundo aparente e um outro não aparente, oculto nas paredes que ouvem todos os dias as vozes que nela habitam.” (Cordeiro,2002)

No cotidiano escolar há muitas coisas que são de rotina, como por exemplo, a fila dos alunos no pátio da escola por turma, onde acontece cantos, orações e avisos, geralmente presididos pela direção ou coordenação, juntamente com todos os professores.

Em uma escola da rede pública do Distrito Federal os alunos estavam acostumados a entrarem, formarem fila e esperarem pela diretora para fazerem a oração. Certo dia a diretora chegou atrasada e um aluno da 4ª série do ensino fundamental foi a frente, pediu silêncio e fez a oração e em seguida cantou uma música. No primeiro momento, muitos olharam sem entender, até mesmo os professores. Ao terminar, enquanto muitos pediam bis, a diretora chegou e o repreendeu na frente de todos, o aluno se calou e voltou para o seu lugar, até que após alguns minutos de silêncio, o mesmo menino gritou “chega dessa entrada robotizada, não somos máquinas”, e uma das professoras o apoiou, mudando a partir desse dia uma das rotinas daquela escola. Silva (2004) diz que “o cotidiano escolar depende de todos os envolvidos para que não se torne uma prática feita por obrigação.”

Nessas rotinas escolares, o professor acompanha sua turma até a sala de aula, lá é que as coisas mudam, porque cada sala é uma caixinha de surpresa. Nem tudo que foi planejado pelo professor dá para ser concretizado, e outras vezes vai mais além do planejado. Cordeiro (2002) fala que “no espaço escolar e, principalmente, na sala de aula pela ação e não ação do professor é que se tornam concretas as práticas pedagógicas.” Vemos que tudo depende do professor e dos alunos, pois existem alunos que atrapalham o andamento da aula, não sendo possível ao professor cumprir seu planejamento, não conseguindo atingir seus objetivos. Chalita (2001) fala que todo aluno traz da família bloqueios, medos, ansiedades e outros traumas que atrapalham o

processo de aprendizagem porque geram insegurança. É preciso que o professor se disponha a conhecer cada um de seus alunos para auxiliá-los.

Uma professora ao receber um aluno de oito anos, repetente e com uma historia indisciplinar conhecida por alguns professores, sentiu-se insegura e nos revelou: “não gostaria de ficar com este aluno em minha sala”. Depois de dois longos meses voltamos a conversar com ela e foi surpreendente o que falou: o aluno não lhe dava trabalho, participava das aulas e mostrava uma boa aprendizagem. Tudo aconteceu através de uma conversa franca e aberta realizada entre ela e o aluno, em que houve respeito e atenção a tudo o que ele falava e assim eles fizeram um pacto de sempre um procurar o outro para conversar a sós, quando as coisas não estivesse bem.

Com esse fato percebemos, que o aluno assim como a professora são seres humanos iguais, com problemas, dificuldades e carências, ambos necessitados de carinho, atenção, diálogo, respeito e confiança. Adquirindo isso conquista-se a amizade. Mas para que isso ocorra é preciso que um enxergue o outro e um tome a iniciativa para encontrar a solução para o problema.

Muita vezes o problema está com o professor que não consegue realizar seu trabalho com êxito, pela falta de preparo e domínio de turma. Chalita (2001) diz que o professor deve ter maturidade e preparo para rever seu método e buscar outras maneiras de envolver a turma. O professor ao escolher sua profissão de educador deve está comprometido com a sensibilidade humana.

Para Ribas (1999) “poucos professores percebem que muitos dos problemas que surgem em sala de aula, na escola enfim, no cotidiano escolar, existem em função da própria ação docente que executam.”

A recreação e o intervalo são umas das rotinas escolares mais apreciados pelos alunos. O intervalo acontece todos os dias, quinze minutos para os alunos se distraírem juntos com as demais turmas e se prepararem para o lanche, tudo isso assistido de perto pela direção e professores. A recreação acontece uma vez na semana por turma, sendo organizada e acompanhada pelo professor.

Esses momentos são importantes para o aluno como para o professor

e nos confirmam os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1997), pois os alunos das Séries Iniciais do Ensino Fundamental têm grande necessidade de se movimentar. Embora estejam se adaptando a períodos mais longos de concentração em atividades escolares, o professor deve propor situações que favoreçam respostas imediatas de movimentos, que façam com que os alunos interajam com o meio e com os outros. Assim, a criança sentirá prazer em fantasiar a realidade e em compartilhar idéias com os colegas. Esclarece, ainda os PCNs que o movimento é muito importante, pois promove as relações com os outros, ajuda na construção dos sentimentos individuais e coletivos, visto que essa interação com o outro é uma necessidade do ser humano.

No início do ano letivo, principalmente nos alunos da 1ª série do ensino fundamental, alguns mostram-se inseguros, visando apenas a hora do intervalo e recreio para reverem seus colegas e brincarem, momento também em que eles tentam se adaptar ao novo ambiente, chorando, calando-se e outros perguntando de tudo um pouco.

Todos os dias no horário de trabalho os professores, além de sua docência em sala de aula, têm um tempo remunerado reservado para o planejamento de suas aulas, conversas com pais de alunos, realização de reforço escolar para os alunos com dificuldades e confecção de materiais que serão utilizados em sala de aula. Como fala Martinez (2003), toda prática educativa passa, necessariamente, pela criatividade e responsabilidade do professor e, ele, além de seu saber, é uma pessoa que deve aparecer em todo seu valor humano para os alunos com quais trabalha.

Há cada dois meses realiza-se o Conselho de Classe (reunião para tratar de assuntos referentes ao ensino/aprendizagem de cada aluno, buscando soluções) com professores, coordenadores e direção. Após a reunião do Conselho marca-se a reunião com os pais. Nesses momentos conversa-se sobre cada aluno em particular referente à sua aprendizagem. Chalita (2001) fala que toda escola deve estar aberta à comunidade escolar, ser organizada, haver disciplina e criar momentos mais formativos e lúdicos do que as monótonas reuniões.

Canen (1998) alerta para a urgência de estudarmos o cotidiano das escolas, de modo a detectar aqueles indicadores que propiciam potenciais de transformação das desigualdades surgidas em decorrência da diversidade cultural. O professor deve estar apto a pautar sua prática pedagógica a partir do universo cultural da escola, dos alunos e da comunidade como um todo. Para isso quanto mais informações e formação o professor tiver, fica mais fácil de atuar no cotidiano escolar dos alunos de forma a proporcionar um ensino/aprendizagem proveitoso e uma socialização satisfatória entre os envolvidos.

3.2 O ALUNO NA ESCOLA

A partir do momento que o aluno entra na escola a direção, professores e auxiliares devem fazer com que os alunos sintam-se reconhecidos e valorizados de acordo com sua história de vida, para que sua adaptação ao novo se torne proveitosa e agradável a ponto de promover relacionamentos eficazes e recíprocos entre a escola e a família. Segundo Freire (1996) “cada indivíduo tem que se perceber como integrante do ‘mundo’ em que faz parte, tornando-se capaz de mudar e desenvolver-se socialmente.”

No início do ano, cada professor faz com os alunos que estão iniciando a escolarização, o conhecimento da escola e para aqueles que já estão na escola, o reconhecimento do ambiente, procurando relacionar-se com pessoas já conhecidas ou somente com o professor.

Certa vez, após três semanas do início do ano letivo, a professora de uma 1ª série do ensino fundamental observou que uma de suas alunas conversava somente com ela e quando algum colega se aproximava começava a chorar e a abraçava. A professora conversou com a aluna e descobriu que a menina não conversava com ninguém porque seus pais disseram para não conversar com estranhos, pois tanto crianças como adultos eram pessoas más e somente a professora e a diretora eram confiáveis. Então a professora explicou para essa aluna que na escola há pessoas de todos os tipos e que nem todos são

maus, e chamou seus pais. Com a conversa que tiveram, os pais falaram que eles eram ciganos e que em outras escolas que a filha havia freqüentado, sofreu discriminação, e então eles resolveram escolher as amigas de sua filha e que na escola somente a professora e a diretora poderiam ser suas amigas. Após longa conversa, os pais deram um voto de confiança à professora, que prometeu que sua filha não seria discriminada, e ela começou a trabalhar em sala de aula sobre as diversidades culturais e tipos de famílias, convidando esses pais para participarem de suas aulas. Daí para frente a menina teve uma socialização satisfatória e seus pais envolveram-se com a escola dando palestras sobre o respeito e a valorização da cultura de cada um, repassando sua própria cultura.

Sobre isso reforça Parreira e Martuno (1999) falando que:

Os pais precisam estar cientes de que quando a criança passa a freqüentar a escola formal se defronta com uma série de exigências que nem sempre consegue ultrapassar sem uma ajuda mais efetiva por parte da família. Para obter um bom desempenho, não basta que freqüente a escola e faça as lições: ela também tem que aprender a se relacionar com pessoas estranhas, participar de um grupo social mais ampliado, reconhecer o papel de cada um dentro da escola, respeitar regras e normas. Dessa forma, a ajuda dos pais se torna um ponto importante para que ela alcance bons resultados escolares.

Freire (1996) diz que “ Quanto mais cultural é o ser maior a sua infância, sua dependência de cuidados especiais.” Aborda, ainda, a questão da identidade cultural de que fazem parte a dimensão individual e a de classe dos educandos, cujo respeito é absolutamente fundamental na prática educativa progressista. É problema que não pode ser desprezado, pois cada aluno tem sua história de vida e deve ser respeitada.

Continuando em nossas observações, na escola cada aluno tem um comportamento diferente e também aprende de forma diferente. Há aqueles que dão atenção a aprendizagem que ocorre através das explicações, exemplos e do diálogo entre professor /aluno e aluno/aluno. Participam e demonstram interesse, são os mais aptos para o aprendizado. Outros não dão atenção a estes fatos realizando as atividades de qualquer jeito e alguns, ainda, atrapalham os que querem participar prejudicando todo o desenvolvimento da aula. São os que

apresentam dificuldades na aprendizagem. Existem, ainda, aqueles que ferem os colegas, sendo maldosos nas palavras e atitudes.

Cury (2003) expressa que sem a educação da emoção podemos gerar três resultados:

Alguns se tornam insensíveis, têm traços de uma personalidade psicopata. Eles possuem uma emoção insensível, e por isso ofendem e machucam os outros, mas não sentem a dor deles, não pensam nas conseqüências dos seus comportamentos. Outros, ao contrário, se tornam hipersensíveis. Vivem intensamente a dor dos outros, se doam sem limites, se preocupam demais com a crítica alheia, não têm proteção emocional. Uma ofensa estraga o dia, o mês e até a vida. As pessoas hipersensíveis costumam ser excelentes para os outros, mas péssimas para si mesmas. Outras, ainda, são alienados, não ferem os outros, mas não pensam no futuro, não têm sonhos, metas, deixam a vida levá-los, vivem um conformismo doentio.

Em nossa prática encontramos alunos com as características apontadas por Cury, como por exemplo, o de um aluno da escola pública do DF, que demonstra comportamentos indisciplinados, não realiza as atividades propostas pela professora, agride os colegas com palavras e ações, desrespeitando a todos. Por ir várias vezes à direção, foi solicitado a presença dos pais, em que compareceu somente a mãe. Ao conversar com a mãe, sobre o comportamento do aluno, foi observado através do relato da mesma, que não há limites, respeito e autoridade na relação pais e filho. Então foi proposto à mãe buscar junto ao pai dialogar, dar responsabilidades e acompanhar todo o desenvolvimento escolar do filho. Após alguns meses a professora constatou algumas mudanças no comportamento e no interesse do aluno.

É no ambiente escolar que a criança demonstra suas carências e seus variados comportamentos. Fante (2005) acredita que na escola a criança tende a mostrar mais seu lado de carência afetiva, através de comportamentos agressivos, a fim de suprir o que lhe são negado em seu ambiente familiar.

Hoje em dia muitas crianças são obrigadas a ir para a escola devido aos programas governamentais assistencialistas que suas famílias fazem parte, não

importando com seu bem estar, com sua saúde ou seu emocional, e elas procuram em sala de aula ou nos corredores suprir sua necessidade de ser notado como pessoa que necessita de amizade, compreensão e afeto.

Em um determinado dia, um aluno da 2ª série do ensino fundamental, chegou chorando e a diretora ao perguntar o que houve ele disse que queria ficar em casa. Ela conversa em particular com o aluno e explica que na escola ele brinca, tem vários colegas e ele a interrompe falando que queria ficar com seu pai que estava longe à muito tempo e que agora havia chegado, mas sua mãe não deixou que ele faltasse a aula, pois poderia perder a Renda Minha, um dos programas de assistência do governo. A diretora levou o menino em casa e explicou para os pais que não adiantava deixá-lo na escola, pois sua mente estava voltada para a chegada do pai, e que eles deveriam tentar compreendê-lo e dar-lhe mais atenção. Os pais explicaram melhor a situação para o filho e prometeram que após a aula eles sairiam para passear. O filho olhou sorridente e voltou com a diretora para a escola realizando suas atividades daquele dia.

Percebe-se que um simples diálogo entre pais e filhos resolveria muitos dos problemas que são vivenciados na escola. Neste caso, observamos que a orientação da diretora foi fundamental para o esclarecimento entre os pais e a criança. Freire (1996) aborda “a importância do diálogo, a partir do momento em que o sujeito que fala não sabe escutar e demonstra suas incapacidade de controlar não só a necessidade de dizer a sua palavra, que é um direito, mas também o gosto pessoal.”

Outro fator importante é a formação continuada do professor. Na escola o aluno aprende, ensina e constrói seu próprio saber com a mediação do professor. É através de uma formação continuada que ele busca respaldo científico para a tomada de ações e decisões perante o aluno no seu processo de ensino/aprendizagem. Chalita (2001) fala que “a formação continuada é um fator fundamental para o professor.” Nós enquanto professores, ao iniciarmos o Curso de Pedagogia no UniCEUB Projeto Professor Nota 10 sentimos que haveria mudanças boas em nosso trabalho, pois o Curso nos forneceu teorias que relacionamos à nossa prática pedagógica e também nos proporcionou

oportunidades de trocas de experiências e de avaliação do nosso cotidiano escolar.

3.3 ACOMPANHAMENTO FAMILIAR NA VIDA ESCOLAR DO FILHO

Sabe-se que é de suma importância a participação da família na vida escolar dos filhos, para que eles se sintam seguros de caminhar em busca de novos saberes tendo a família como base/modelo. Segundo Parreira e Marturano (1999) “os pais são ‘peças-chave’ no processo educacional dos filhos. São eles que dão a base para o desenvolvimento físico e afetivo-social da criança.”

Existe na escola um aluno orfão de pai, filho mais velho de mãe solteira com mais cinco filhos. Através de um tratamento pelo Centro de Orientação Médica Psicológica (COMP) ele foi diagnosticado Deficiente mental (DM), era muito agressivo e não aprendia. Este ano ao freqüentar uma sala com menos alunos, a professora pode lhe dedicar um maior tempo e atenção, através de observações e fazendo muitas vezes o papel da mãe, a qual não comparecia à escola nem quando solicitada. O aluno começou a despertar o gosto pelo estudo. E a equipe psicopedagógica da escola constatou que a ausência da família, principalmente, da mãe fazia com que a criança se sentisse diferente das outras, procurando chamar sempre à atenção, mostrando que não conseguia aprender nada e nem ficar perto dos colegas.

Existem pais que têm uma preocupação maior com seus filhos no ambiente escolar. Muitos deles levam e buscam seus filhos na escola e sempre estão em contato com a professora e direção. São pais que participam e estão presentes na vida escolar dos filhos. Parreira e Marturano (1999) explica que os pais que valorizam o estudo, estimulam a aprendizagem do filho, e o acompanha em todo seu processo de ensino /aprendizagem, orientando no possível em casa e presenciando o seu andamento escolar, tende a desenvolver no filho o gosto pelo estudo e uma expectativa de futuro melhor.

Alguns alunos ficam até mais tarde na escola, por esquecimento dos pais. Certo dia dois alunos do período matutino, ficaram até às quinze horas esperando pela mãe. A professora já havia telefonado para a casa dos alunos, mas não encontrou ninguém. Quando a mãe compareceu foi questionada pela professora e diretora, a qual falou que pensou que o tio havia buscado as crianças. A diretora advertiu a mãe que se isso voltasse a acontecer ela chamaria o Conselho Tutelar para tomar as providências devidas. Fatos como esse ocorrem diariamente em nossas escolas. O descaso da família reflete no comportamento e na aprendizagem da criança.

Segundo Araújo (2003) a família quando presente na vida escolar dos seus filhos, deixa-os mais seguros, confiantes e dedicados aos estudos, querendo mostrar o que aprenderam em casa, com seus pais, transmitindo com orgulho o que de bom sua família lhes ensinou.

A escola realiza periodicamente encontros e reuniões que exigem a presença dos pais, que em sua maioria não comparecem, justificando pela falta de tempo, pois estes encontros são realizados no horário de seu trabalho, mesmo sabendo que estão assegurados por lei (2) à participação na vida escolar do filho. Mas, o que constatamos é que muitos mostram-se desinteressados pela vida escolar de seus filhos. Para Parreira e Marturano (1999) a família que não dá valor aos estudos acaba incentivando pouco a criança, e que existem pais que não se importam se seu filho está bem ou mal na escola, se será promovido ou não. A postura da família se torna negativa, pois as crianças que não recebem ajuda em casa passam a dar pouco valor à aprendizagem escolar.

Para Moreno e Cubero (1995) os filhos que apresentam auto-controle, auto-estima, capacidade de iniciativa, autonomia e facilidade nos relacionamentos, tendem a demonstrar os valores que são inerentes aos de sua família.

(2) *Estatuto da Criança e do Adolescente, cap. IV, art. 53, parágrafo único.*

Segundo Rego (1996) a família exerce grande influência na vida da criança. A educação que a criança recebe em casa interfere no seu desenvolvimento individual, e influencia seu comportamento na escola.(apud, Aquino, 1996).

Isso mostra que a aprendizagem da criança não se dá somente na escola, os pais que orientam e acompanham passo a passo o desenvolvimento do filho, estarão contribuindo para que eles se tornem adultos mais preparados para a vida.

CAPÍTULO IV SUGESTÕES PEDAGÓGICAS

4.1. SUGESTÕES PEDAGÓGICAS – CONTENDO ORIENTAÇÕES PARA POSSÍVEIS SOLUÇÕES DO PROBLEMA

As sugestões aqui propostas não vão mudar o ambiente físico da escola, nem os materiais didáticos adotados, mas vão possibilitar mudanças nos relacionamentos, comportamentos e na mente dos pais, alunos e professores. As sugestões objetivam a educação da emoção, da auto-estima, a desenvolver a solidariedade, a tolerância, a segurança, a pensar e a gerenciar os pensamentos de modo a refletir e agir com responsabilidade nos atos cometidos, só assim poderemos tentar acabar ou amenizar a indisciplina em sala de aula, melhorar os relacionamentos e a aprendizagem.

Muitos pais procuram a escola em busca de possíveis soluções para a resolução do problema de comportamento de seus filhos, tanto no âmbito escolar como familiar. Percebe-se porém, a importância do envolvimento da família com a escola para sanar alguns problemas. Martinez (2003) expressa que muitos professores agem de forma a exercer autoridade sobre os pais, sendo essencialmente informativos, muitos deles convoca-os para apenas informar os problemas enfrentados com seus filhos, mas não têm proposta de integrar as famílias de forma organizada ao funcionamento da instituição, sabendo-se da importância da família participar junto com a escola, no acompanhamento das crianças.

A escola deve ver os pais como parte da equipe escolar e nessa relação deve haver como objetivo não só os filhos, mas também o seu envolvimento com algumas funções gerais da escola. O diálogo escola/família deve ser um dos aspectos essenciais de mudanças do projeto educativo da escola. Como diz Freire (1996) “o diálogo é a maneira mais sensata de encontrar soluções.”

Fante (2005) acredita que se não houver a relação família/escola, não tem como solucionar problemas, assim ela propõe que, as escolas adotem estratégias de intervenção, oferecendo à comunidade escolar o ensejo de conhecer a sua realidade, propiciando condições para que essa realidade seja

modificada, abrindo portas para a reflexão, requerendo que todos se empenhem, se envolvam e se comprometam na busca de soluções.

Ao refletirmos sobre a importância do envolvimento familiar com a escola sugerimos, primeiramente, que a escola promova encontros com os pais, alunos e professores tais como:

Orientações sobre convivência familiar, através de palestras com órgãos competentes, como o Conselho Tutelar, Promotoria Civil da Vara Familiar e Psicológica, auxiliando a todos os membros da família a se respeitarem e adotarem atitudes positivas, cujos resultados beneficiarão não somente a vida familiar, mas também a vida escolar e social de seus filhos.

Promover campanhas como o “Dia da Família na Escola,” propiciando condições para que os pais possam refletir sobre o modo como estão educando seus filhos, através de dramatizações, filmes e depoimentos de alguns pais.

Inteirar os pais das decisões ocorridas no Conselho Escolar, para que eles participem ativamente das melhorias propostas para a escola, ajudando com mão-de-obra, opinando e auxiliando os trabalhos.

Indiscutivelmente, nem todas as famílias se envolvem para tentar ajudar seus filhos. Porém, em relação a essa falta de comprometimento os professores tentam suprir dando apoio necessário ao aluno.

Em uma das escolas da rede pública do DF, uma professora de 1ª série do ensino fundamental, ao iniciar o ano letivo fez o chamado “Contrato de Convivência” com sugestões de todos os alunos. Mas, com o passar dos dias viu que esse contrato não estava tendo efeito, então decidiu convocar os pais, para informá-los sobre esse contrato e sobre o comportamento dos seus filhos, e em meio a reunião um dos pais sugeriu que esse contrato fosse desenvolvido tanto em casa como na escola. Se o aluno tivesse mau comportamento em sala de aula a professora avisaria a família e esta tomaria as medidas cabíveis de acordo com o que estava escrito no contrato. Assim desenvolvendo-o dessa forma, a turma

desta professora foi considerada na escola no ano de 2003 a melhor em comportamento e em aprendizagem, alcançando 100% em aprovação ao término do ano letivo. Fante (2005) afirma que “as regras quando bem elaboradas e aplicadas traz resultados positivos.”

Também, propomos aos professores uma inovação nas aulas, dispendo de tempo para organizar técnicas e dinâmicas que envolvam todos os alunos, tais como:

Iniciar as aulas com um relaxamento, pode ser alongamento, minuto de concentração e silêncio ou ouvir música ambiente, com o objetivo de trabalhar a ansiedade, melhorar a concentração e desenvolver o prazer de aprender. Cury (2003) fala que “a música ambiente em sala de aula relaxam os mestres e animam os alunos.”

Organizar a sala de forma a sair do enfileiramento das carteiras. Sabemos que é muito difícil diante das salas superlotadas das escolas públicas do DF, mas tentar sair do enfileiramento é uma forma de promover a participação, a concentração, diminuindo as conversas paralelas e os conflitos em sala de aula. Cury (2003) expressa que “o enfileiramento dos alunos destrói a espontaneidade e a segurança para expor as idéias. Gera um conflito caracterizado por medo e inibição.”

Ler semanalmente um texto previamente escolhido refletir com os alunos, incentivando-os a por em prática os ensinamentos recebidos com o texto. Outras vezes pode ouvir música ou assistir um filme. Assim o professor estará enriquecendo a interpretação de textos e enunciados, desenvolvendo a sensibilidade e a emoção. Cury (2003) declara que “o melhor professor não é o mais eloquente, mas o que mais instiga e estimula a inteligência.”

Delegar responsabilidades de modo que todos os dias cada aluno tenha uma responsabilidade, com o bom desenvolvimento da aula. Alunos que pegam e guardam nos armários os materiais a serem utilizados na aula, alunos que distribuem as atividades, que ajudam a servir o lanche, a manter e organizar a limpeza da sala, que pregam as atividades no mural e assim por diante, fazendo um rodízio de forma que todos os alunos ajudem. Desta forma o professor estará

desenvolvendo a solidariedade, a organização e a participação ativa nas aulas, fazendo com que os alunos sintam-se importantes e valorizados, aumentando a auto-estima e o respeito à sua capacidade de execução. Chalita (2001) afirma que:

O grande mestre não precisava registrar matérias, não se desesperava com o conteúdo a ser ministrado nem com a forma de avaliação, se havia muitos discípulos ou não. Jesus sabia o que queria: construir a civilização do amor. E assim navegava em águas tranqüilas, na maré correta, com a autoridade de quem tem conhecimento, de quem tem amor e de quem acredita na própria missão.

Haver música no intervalo de preferência orquestrada ou tranqüila. Mesmo que reclamem no começo, continue com as músicas calmas. Desta forma estaremos persistindo no trabalho contra a ansiedade e a agressividade, pois a música calma traz um enorme benefício para esse fim. Cury (2003) afirma que a música calma desacelera os pensamentos e estabiliza a emoção.

Ser contador de histórias, o mundo é muito sério e frio demais, vemos notícias diárias de crimes, desgraças, mortes e tragédias. Precisamos tranqüilizar os pensamentos dos alunos de tantas coisas tristes e desumanas. Contar histórias exercitando uma voz diferente, teatralizada, que muda de tom durante a exposição, produzindo gestos e reações capazes de expressar as informações a que se pretendem. Além de brincar, rir, dar esperança e alegria, passa as informações que se pretende na aula. Cury (2003) fala que contar história fisga o pensamento, estimula a análise e resolve conflitos, pois contar história também é psicoterapêutico.

Usar incentivos e elogios, o professor deve elogiar ou premiar os atos positivos, assim o aluno capricha mais nas tarefas e sente prazer com o que está fazendo. Recompensar os alunos com gestos de carinho, afeto e palavras de estímulo os incentivam na aprendizagem e no bom comportamento. Segundo Zagury (2004) “a melhor forma de se alcançar um objetivo educacional é elogiando, incentivando e ressaltando tudo de bom que a criança faz.”

Abrir a escola à comunidade nos fins de semana, para que realizem atividades oferecida pela própria comunidade, igrejas, associações e órgãos vinculados ao GDF, tais como: jogos, catequese, festas e cursos, favorecendo uma interação social, diminuindo a violência, o vandalismo e a indisciplina.

Se estas sugestões forem postas em prática certamente, muitos dos problemas enfrentados na família e em sala de aula serão solucionados ou remediados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esperamos que com este trabalho, você leitor, educador, possa lidar melhor com a indisciplina e assim amenizar as dificuldades enfrentadas, facilitando ao educando a construção do conhecimento, fazendo-o se interessar, e contribuindo para o seu aprendizado.

A escola é uma instituição social e precisa estar preparada para desenvolver no aluno a capacidade de expor idéias, opiniões de forma crítica e exercendo a sua cidadania.

Acreditamos que este problema de indisciplina envolve escolas de todos os níveis sociais, e será possível e viável sanar esse problema desde que haja conscientização, planejamento, investimento, atitudes de compromisso e de responsabilidade, cooperação e sobretudo tempo para a vida família/escola, mantendo sempre vivo o interesse do aluno. Sabemos que essas mudanças não acontecerão num curto espaço de tempo como gostaríamos, mas nós educadores podemos colaborar para a formação de uma nova mentalidade.

No âmbito familiar os comportamentos indisciplinados manifesta-se por palavras, gestos e diversos tipos de maus tratos, físicos e psicológicos, prejudicando e influenciando negativamente o aluno nos seus diversos processos de desenvolvimento. E na escola a indisciplina manifesta-se muitas vezes como reflexo da educação recebida em casa.

A indisciplina decorre, também da falta de limites, que por sua vez não pode ser meramente imposto, ao contrário, o limite é estabelecido pela criança, pelos pais e pela escola. À medida que se percebem como agentes transformadores de uma sociedade e devem usar como ferramenta o diálogo.

A família precisa procurar compreender a criança, dando-lhe afeto, atenção, estabelecendo limites e restaurando o respeito. Se necessário dando castigos, assim como, recompensando pelas boas notas e bom comportamento. O fator afetivo deve ser muito valorizado na família, nas relações pessoais e na

transmissão do conhecimento, uma vez que favorece de forma privilegiada a criança no seu processo de desenvolvimento pessoal e intelectual. E o diálogo é o caminho, o início de um processo longo em que pais, alunos e professores estão envolvidos.

Educar significa ajudar o aluno a aprender o processo de construção da sua autonomia, da disciplina, da ordem, da liberdade, do amor e da paz. Apesar de todas as dificuldades, não podemos perder a esperança de construir a paz para nós, para os nossos educandos e para aqueles que vem depois. E para alcançarmos êxito na redução de comportamentos indisciplinados precisamos, primeiramente, desenvolver projetos que visem maior interação família/escola, já que a escola tem seu poder propagador e multiplicador e ensina os alunos a lidarem com suas emoções, tornando-os transformadores e atuantes na realidade que estão inseridos.

As vezes uma boa conversa pode ajudar a amenizar um grave problema. Na conversa em que o professor expõem o que se pretende, acolhendo as sugestões dos alunos, mostrando para a criança que ela faz parte da sociedade e que para viver bem precisa saber que existem regras para serem cumpridas. E que essas regras são construídas em casa, na sociedade e na escola. Fazendo o aluno entender que as regras foram feitas pelos homens para viverem e relacionarem bem uns com os outros, e que quem não se adaptam a elas, torna-se um fora da lei. Na escola também as regras a serem cumpridas, mas o professor pode elaborar com seus alunos as regras da turma, talvez isso possa ser uma solução, assim o aluno vai sentir que ele colaborou na construção das regras, sendo obrigado a obedecê-las, sabendo que ali teve a sua ajuda e não foram simplesmente impostas.

O importante é associar o conceito novo que trazemos aos conceitos espontâneos que o aluno tem, fazendo-o assim se tornar interessado, sentindo-se inserido e reconhecendo a importância do ensino/aprendizagem, mostrando a eles que todos podem errar, porém há sempre tempo de perceber o seu erro e evoluir no seu desenvolvimento intelectual.

Constatamos, que os teóricos consultados que tratam do assunto

indisciplina , tem razão em afirmar que a base da formação da criança é o afeto familiar, e por isso nós educadores temos que nos preparar mais e mais para lidar com nossas emoções e educar as emoções dos nossos alunos, dando espaço em nossas aulas para a expressões de afeto, com isso aprenderemos a lidar com os comportamentos indisciplinados.

Hoje em dia muitas escolas estão procurando desenvolver projetos , como forma de interação família/escola, e os professores em sala de aula buscam mediar o ensino/aprendizagem de maneira que os alunos percebam que somos diferentes, porém iguais, iguais em direitos e deveres.

Fante (2005) afirma que:

Educação, portanto, é o caminho que conduz à paz. A solidariedade, a tolerância e o amor, são os ingredientes que compõem o antídoto contra a indisciplina e que deve ser aplicado no coração de cada criança e em especial no coração daqueles que se dedicam à arte de educar.

Portanto, acreditamos que a melhor maneira de lidar com comportamentos indisciplinados é trabalhar com projetos que trazem a família para dentro da escola, orientando-as atingiremos os alunos. E dando mais atenção, afeto a eles ,que muitos infelizmente, não encontram em casa, por ser na grande maioria filhos de famílias desestruturadas, que não visam a qualidade do ensino/aprendizagem de seus filhos e sim a presença do seu filho na escola para ficar livres deles ou mesmo para não perderem o auxílio do programa governamental.

Para tanto citamos sugestões para possíveis soluções do problema, tais como: Orientações sobre convivência familiar; promover campanhas como o “Dia da Família na Escola”; inteirar os pais das decisões ocorridas no Conselho Escolar; iniciar as aulas com um relaxamento; organizar a sala de forma a sair do enfileiramento das carteiras; ler semanalmente um texto previamente escolhido; delegar responsabilidades; tocar músicas no intervalo; ser contador de histórias, usar incentivos e elogios e por fim, abrir a escola à comunidade aos fins de semana.

Freire (1996) declara que “ não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão. Se não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo os homens, não me é possível o diálogo.”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

ANTUNES, Celso. **Professor bonzinho = Aluno difícil: Questão da indisciplina na sala de aula**. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

AQUINO, Julio Groppa. **Indisciplina na escola: Alternativas Teóricas e Práticas**. 11ed. São Paulo: Summus Editorial, 1996.

AQUINO, Julio Groppa. **Indisciplina: O contraponto das escolas democráticas**. 1ª ed. São Paulo: Moderna, 2003.

ARAÚJO, Clara Lila G. "Pesquisa e Prática Pedagógica II". In **Aprendendo a aprender**. Vol.1. Brasília: UniCEUB, 2002.

ARAÚJO, Ulisses F. **Assembléia Escolar: Um caminho para a resolução de conflitos**. São Paulo: Moderna, 2004.

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1981. p. 195 – 279.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais (1ª a 4ª Série)**. 3 ed. Brasília: MEC, 2001.

CANEN, Ana, MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa (orgs) "Reflexões Sobre o Multiculturalismo na Escola e na Formação Docente". In **Ênfases e Omissões no Currículo**. São Paulo: Papirus, 2001. p. 15 – 44.

CHALITA, Gabriel. **Educação: A solução está no afeto**. 8 ed. São Paulo: Gente, 2001.

CORDEIRO, Bernadete. "Política e Planejamento Educacional". In **Aprendendo a aprender**. Vol.1. Brasília: UniCEUB, 2002.

CURY, Augusto Jorge. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. 7 ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

FANTE, Cleo. **Fenômeno Bullyng: Programa Educar para a Paz**. 2ª ed. São Paulo: Verus, 2005.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. 4 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 27 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LOPES, Aúrea. Disciplina, é mais fácil para os alunos seguir regras que eles ajudam a criar. **Revista Nova Escola**, São Paulo: Abril, p. 45 – 49, Jun.2005.

MARTINEZ, Albertina Mitjans. “Psicologia da Aprendizagem”. In **Aprendendo a aprender**. Vol. 5. Brasília: UniCEUB, 2002.

OLIVEIRA, Colandi Carvalho de. “Psicologia da Criança e do Desenvolvimento”. In **Aprendendo a aprender**. Vol. 3. Brasília: UniCEUB, 2003.

PARREIRA, Vera Lúcia, MATURANO, Edna Maria. **Como Ajudar Seu Filho Na Escola**. 2ª ed. São Paulo: Ave Maria, 1999.

RIBAS, Mariza Holzmanne. “O Caráter Emancipatório de uma Prática Possível”. In QUELUZ, Ana Gracilda, ALONSO, Myrtes (orgs). **O Trabalho Docente – Teoria e Prática**. São Paulo: Pioneira, 1999. p. 37 – 44.

SILVA, Isamália Lopes da. “Pesquisa e Prática Pedagógica III”. In **Aprendendo a aprender**. Vol. 6. Brasília: UniCEUB, 2005.

SOUSA, José Vieira de. “Sociologia – Educação e Sociedade”. In **Aprendendo a aprender**. Vol. 1. Brasília: UniCEUB, 2002.

TIBA, Içami. **Disciplina o limite na medida certa**. 13 ed. São Paulo: Gente, 1996.

TIBA, Içami. **Quem Ama, Educa**. São Paulo: Gente, 2002.

ZAGURY, Tânia. **Limites sem trauma**. 62 ed. Rio de Janeiro: Record,2005.

WELL, Pierre. **A criança, o lar e a escola**. 17 ed. São Paulo: Vozes, 1979.

